

Social Movement

BR RSCOC EL.06.04.F.1
Brasil Agora II (36) 5-18 de abril de 1993

PAÍS
MOVIMENTOS POPULARES

Vem aí a Central Nacional

Pode surgir em outubro uma ampla frente de entidades do povo

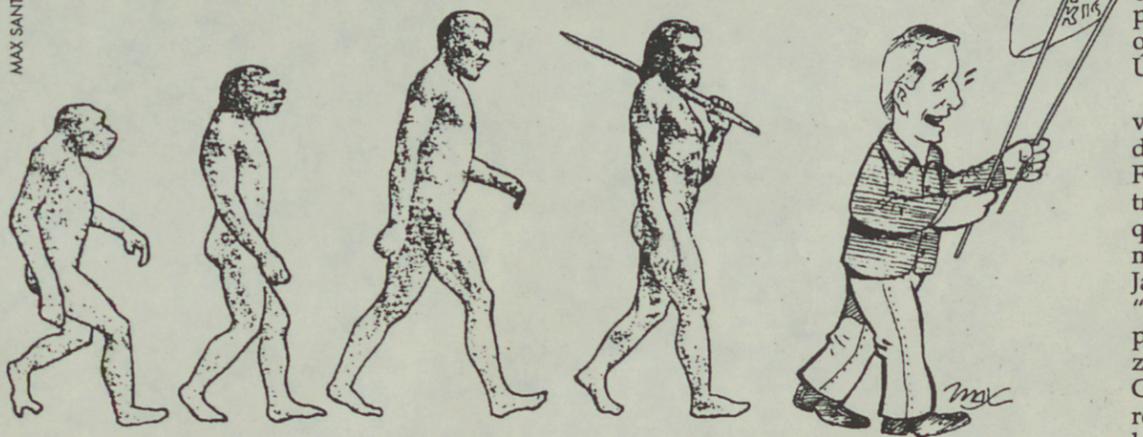
O IBGE mostrou a cara do Brasil: dez por cento controlam a riqueza, a renda per capita caiu 5,3% na década de 80, não existe rede de esgoto em 8% das cidades brasileiras e 75% dos trabalhadores ganham menos de dois salários mínimos. Mais: os negros, que têm rendimento salarial médio inferior aos brancos, são a maioria dos desempregados. Neste caldo de cultura formam-se os movimentos populares.

Segundo o padre Ticão, da União Nacional de Moradores de São Paulo, "desde 1989 eles estão em compasso de espera para definir seus rumos". Raimundo Vieira Bonfim, do movimento de moradias e da coordenação nacional da Pró-Central dos Movimentos Populares, afirma que "ao criar espaços de participação popular, os governos petistas absorvem lideranças populares".

A educadora Irandi Pereira explicou que a Constituição de 1988 definiu princípios norteadores ao Estado, obrigando-o a criar parcerias com a sociedade civil. Na nova realidade teriam também que gerir as soluções. Flávio Jorge Rodrigues, membro da organização negra Soweto e diretor da FASE - Federação das Entidades de Serviço Social e Educação -, acha que esta "é uma fase de amadurecimento".

LONGA TRADIÇÃO. José Albino de Melo, coordenador nacional da Pró-Central, afirma que o movimento popular é antigo. "Canudos, há um século foi e é movimento popular", diz. Durante os anos 80 surgiram muitos movimentos espontâneos, em defesa das favelas e contra o

MAX SANTOS



aumento do custo de vida, e ocorreram as ocupações de terrenos. Mas não estavam direcionados e só alguns conseguiram se organizar nacionalmente. A maioria voltou-se para as questões específicas.

Nos anos 30 foram criadas as associações de moradores, conta o deputado estadual petista Elóy Pietá. Nos anos 50, mesmo que manipulados por políticos como Jânio Quadros, que se elegeu e fez carreira política às custas destes movimentos, eles se expandiram até os anos 60, quando a Igreja Católica criou as Comunidades Eclesiais de Base - CEBs, que, estimuladas de Puebla e Medellín,

atraíram militantes de esquerda e generalizaram as reivindicações.

CUSTO DE VIDA. Nos anos 70, os movimentos sindicais e populares, a política partidária e os movimentos religiosos se combinaram. Um clube de mães da zona sul paulistana criou o Movimento do Custo de Vida que, em 1974, reuniu oito mil pessoas e mais de um milhão de assinaturas, na Praça da Sé. Em 1983, uma aliança de lideranças populares, ativistas de esquerda e políticos criou a CONAN - Confederação Nacional das Associações de Moradores.

Apesar do aparente "recesso" o movimento popular se articula, dizem José Albino Melo, da Pró-Central, e o Padre Ticão, da União Nacional de Moradias, SP.

Ambos, ainda que com uma dose excessiva de entusiasmo, afirmam que a luta pelo impeachment foi carregada pelos movimentos populares. Em outubro, de 25 a 29, afirma Albino, será realizado em Belo Horizonte o 1º Congresso Nacional de Movimentos Populares, que decidirá pela criação da Central de Movimentos Populares.

A articulação antiga remonta ao fim dos anos 70. A Articula-

ção Nacional de Movimentos Populares e Sindicais - ANAMPOS optou por criar a CUT - Central Única dos Trabalhadores.

Durante os últimos anos várias posições permearam o debate: contra a sua criação, o Frei Beto argumentou que a central poderia descaracterizar a riqueza e a heterogeneidade do movimento popular. Ramatis Jacino, da CONAM disse que "os grupos de movimentos populares deveriam se organizar sob o guarda-chuva da CONAM que, a partir dos bairros, poderia centralizar todas as lutas populares". Muitas entidades e grupos são efêmeros, diz. E tão logo sejam atingidos os objetivos, mudam as perspectivas ou desaparecem. Este fato, segundo ele, pode retirar a legitimidade de uma entidade central construída num momento determinado. Depois optou-se por uma posição igual a do deputado estadual Elóy Pietá, de que deveria ser organizado um grande fórum de movimentos populares no lugar da central.

DEFENDER O ESPECÍFICO. Segundo José Albino uma das preocupações da Pró-Central, por exemplo, é que cada movimen-

to se fortaleça em suas especificidades. A futura central, diz ele, "deverá unificar as lutas e não as entidades". O próprio Ramatis Jacino já admite hoje que a CONAM "é uma entidade específica de moradores" e que "muitas lutas, como a dos negros, mulheres ou mesmo meninos de rua não necessariamente passam pelos bairros".

Finalmente Albino afirma que um dos princípios básicos da Central é respeitar a proporcionalidade na representação. Por isto, diz: "O fato dos setores melhor organizados terem maior influência na Central não reduzirá a importância das outras, pelo contrário". Segundo ele, a Central intensificará a troca de experiências para que outros setores também se integrem e travem as outras lutas, rumo à ampliação dos seus horizontes nas questões mais gerais da sociedade. "A troca de informações politiza o movimento", diz.

HAMILTON CARDOSO

"PAPEL CENTRAL NA VIDA DOS CIDADÃOS"

No século passado, o eixo político partidário começou a dividir sua importância com o movimento sindical - a principal expressão da vida nas fábricas. Com a urbanização e a concentração de populações nas cidades "os espaços de vida, a rua, o bairro e o local onde vivem as pessoas" começaram a ganhar importância e surgiram os movimentos sociais. "Eles tendem a assumir um papel central na vida dos cidadãos: são a terceira via para o exercício da política", diz Ladislau Dowbor, professor da PUC e ex-assessor de relações internacionais da prefeitura de São Paulo.

Conforme o professor "os movimentos sociais, recentes no Brasil, porque ele é um país de capitalismo tardio, vão restituir os espaços de decisão dos indivíduos". Para explicar ele cita como exemplo dois países, que compara: na Costa Rica, na América Latina, 95% das questões nacionais são geridas pelo governo central, ao contrário da Suécia, onde 78% são geridas pelo governo local. No Brasil ele decide apenas 13%. O sueco médio, revela, participa de pelo menos quatro organizações comunitárias. "Este é o destino das cidades de todo o mundo,

inclusive do Brasil. Os movimentos são um passo adiantado rumo a democracia participativa" conclui.

O processo - acrescenta - tem vantagens e dificuldades: é mais democrático e permite a adequação das soluções às pluralidades das necessidades culturais e ideológicas mas esbarra na tradição autoritária brasileira, que tende a centralizar as decisões e definir para as populações quais são os seus interesses. Os vícios populares com o paternalismo geram parte da imobilidade de setores da sociedade e fortalecem a tendência dos partidos a se apropriarem destes movimentos.

Outro exemplo, agora da eficiência desta tendência: uma escola do Harlem, em Nova York, EUA, gerida pela população, acabou com o curriculum oficial, permitindo aos estudantes, ao invés das disciplinas tradicionais, optarem por estudar as atividades que pretendiam exercer. O estudante, para aprender aquela atividade, se obrigou a estudar matemática, ciências, idiomas e mesmo geografia, para aprender outras experiências daquela atividade. Eles se tornaram exemplos estudantis e a escola referência para reflexões metodológicas. H.C.



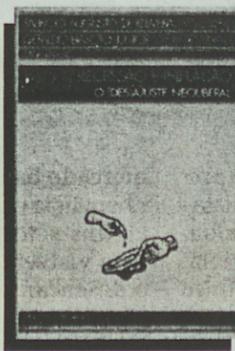
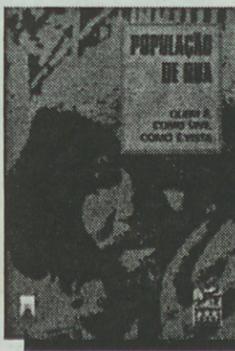
RETRATOS DA MISÉRIA

POPULAÇÃO DE RUA

MARIA ANTONIETA DA COSTA VIEIRA, ENEIDA MARIA RAMOS BEZERRA E CLEISA M. MAFFEI ROSA (ORGS.)

Esta obra é bastante interessante porque vem retratar de forma clara e objetiva marcas reais de uma sociedade que não garante trabalho nem teto. Trata-se de uma publicação significativa realizada a partir de pesquisa feita por profissionais da Prefeitura de São Paulo, na gestão Lúiza Erundina de Sousa. As questões fundamentais tratadas neste livro dizem respeito ao universo dos moradores de rua que, à primeira vista, parecem estar distantes de nosso universo e convívio, mas que, ao mesmo tempo, são nossos vizinhos, vivendo conosco espaços comuns na cidade: "Quem é afinal este povo de rua? De onde vieram, como trabalham, onde ficam e como vivem aqueles que são considerados como o fim da linha da humanidade?".

Editora Hucitec e Prefeitura de São Paulo. Formato: 16 x 23, 181 págs.



RECESSÃO E INFLAÇÃO

FABRÍCIO AUGUSTO DE OLIVEIRA E GERALDO BIASOTO JÚNIOR (ORGS.)

Esta é uma obra que avalia de forma muito competente a política econômica e os problemas econômicos brasileiros - das mudanças estruturais aos resultados trágicos expressos nos altos índices de desemprego e miséria urbana.

Trata-se de um trabalho realizado por pesquisadores de um dos mais conceituados centros de estudo de economia do Brasil: CECON/IE/UNICAMP.

Apresentam-se ao leitor um debate sobre os rumos do nosso desenvolvimento e uma rica avaliação crítica sobre políticas adotadas até o momento em nosso país.

Editora Hucitec/Fecamp Formato: 14 x 21, 235 págs.

PEÇA CATÁLOGO GRÁTIS

À VENDA NAS LIVRARIAS, OU DIRETAMENTE NA EDITORA.

1155-1211 540-0452 520-9208 FAX: (011)535-4187



EDITORA HUCITEC
RUA GIL EANES, 713 SÃO PAULO-SP CEP 04601-042